

ESTRATÉGIAS DE ENSINO DE LIBRAS COMO SEGUNDA LÍNGUA NAS REDES SOCIAIS

Nádia Fernanda Martins de Araújo¹

Juscelino Francisco do Nascimento²

RESUMO: Neste artigo, apresentamos uma discussão acerca da tecnologia, educação e o ensino da Língua Brasileira de Sinais, por meio de uma análise do ensino de Libras em redes sociais de professores surdos e não surdos. Discorremos sobre as produções midiáticas, destacando as estratégias metodológicas, as temáticas e público consumidor destes conteúdos. Como aporte teórico, utilizamos autores que discutem a influência da tecnologia na sociedade e como também estudiosos que abordam sobre metodologias no ensino da Libras como segunda língua. Os produtos encontrados evidenciam o uso massivo de recursos imagéticos, vídeos de curta e longa duração, além de efeitos visuais atrativos, correlacionando com a modalidade visual-motora, característica da referida língua.

Palavras-chave: Ensino. Tecnologia. Libras. Segunda Língua. Redes Sociais.

INTRODUÇÃO

As tecnologias estão cada vez mais ganhando espaços e significados na sociedade, nos mais variados contextos, principalmente no que se refere ao acesso à informação. Com a popularização do celular e da internet, torna-se mais fácil ter ao alcance e, em poucos minutos, notícias sobre acontecimentos que ocorrem a milhares de quilômetros.

Ocasionalmente, a tecnologia traz novas concepções sobre o conhecimento, já que o ambiente virtual permite a criação individual e subjetiva de conteúdo, principalmente por meio das redes sociais, como Facebook, Instagram, YouTube, entre outras, que, em muitas situações, podem resultar na divulgação de dados incoerentes e sem teor de veracidade baseado em fatos ou evidências. (SOUZA, 2017 apud SOUZA; SANTOS 2019).

Devido à praticidade que as redes sociais proporcionam atualmente, muitos indivíduos apropriam-se dessas ferramentas para produzir entretenimento, assim como para divulgar

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Formação de Professores, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Professora de Libras da Universidade Federal do Piauí (UFPI), no *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros (CSHNB). E-mail: nadiaaraujo1@hotmail.com

² Doutor em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB), Graduado e Mestre em Letras pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), da qual é Professor Adjunto e Coordenador do Curso de Letras/Português, no *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros. Professor Formador do Centro de Educação Aberta e a Distância (CEAD/UFPI), onde é Coordenador de Estágios do Curso de Letras/Inglês e professor colaborador do Programa de Pós-graduação em Formação de Professores, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: juscelino@ufpi.edu.br.

produtos e empresas, compartilhar seu saber para um determinado grupo, sua experiência na construção de algum objeto ou ensinar sobre algum conteúdo ou temática.

Em relação ao ensino da Língua Brasileira de Sinais (Libras), no caso do Brasil, há a produção quantitativa de conteúdo realizado tanto por professores surdos e por não surdos³, de variados formatos e *layouts*, a exemplo de ensino do léxico, apresentação de aspectos culturais e de identidade, explicação sobre crenças e preconceitos acerca do surdo. A partir dessa constatação, veio o interesse em pesquisar um pouco mais acerca do material produzido para o ensino da Libras nas plataformas digitais e/ou redes sociais e, além disso, pesquisar as estratégias de ensino utilizadas, fazendo uma correlação com o público para o qual essa produção é direcionada.

Em linhas gerais, o objetivo geral deste trabalho é analisar as estratégias metodológicas de ensino da Libras usadas por professores nas redes sociais. Para esse fim, delineamos os seguintes objetivos específicos: identificar perfis de redes sociais usados por professores para ensinar Libras; verificar o tipo e temática do conteúdo utilizado para a produção de materiais midiáticos; refletir sobre as estratégias utilizadas no ensino da Libras e o público para o qual o conteúdo é direcionado.

O aporte teórico deste estudo está fundamentado em Masetto e Behrens (2006), Souza e Santos (2019), Costa e Silva (2013), autores que tratam sobre a tecnologia; assim como Gesser (2010; 2011), que trata do ensino da Libras. No que se refere ao campo metodológico, usamos Minayo (2008) e Gil (2010).

METODOLOGIA

Este trabalho é de caráter qualitativo. Conforme Minayo (2008, p. 21-22), a pesquisa qualitativa “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

Falamos acerca de tecnologias e, em especial, de redes sociais, relacionando-as com o ensino da Libras. Dessa forma, descrevemos as estratégias metodológicas utilizadas pelos professores para ensinar no espaço digital e, assim, atrair o usuário a assistir a esse conteúdo.

A pesquisa caracteriza-se como exploratória e descritiva. Segundo Gil (2010), a pesquisa exploratória busca proporcionar uma visão holística acerca do objeto ou fato a ser

³ Não surdos são os sujeitos que escutam, os ouvintes usuários da Língua Portuguesa.

pesquisado, já a pesquisa descritiva almeja dissertar sobre as características de um fenômeno estabelecendo suas relações com lócus estudado. Inicialmente, foi realizada uma investigação em duas das principais redes sociais utilizadas na atualidade – YouTube e Instagram, em busca de perfis de professores, da Região Nordeste do país, que ensinam Libras por essas plataformas. A opção por perfis dessa região geográfica se deve ao fato de os pesquisadores serem também do Nordeste e, por isso, terem mais familiaridade com as possíveis variações lexicais.

Os professores que selecionamos para análise são do Piauí e da Bahia, sendo não surdo e um surdo, respectivamente, os quais serão denominados de Professor 1 e Professor 2. Ambos foram convidados formalmente para participar da pesquisa e assinaram um Termo de Autorização de Uso de Imagem e Voz, assim como consentiram pela análise do conteúdo publicado tanto no YouTube e como Instagram, redes sociais em que os pesquisados têm conta vinculada e ativa.

A partir de uma busca nos perfis dos sujeitos pesquisados, obtivemos as seguintes informações: O Professor 1 possui conta ativa no Youtube há cerca de sete anos, com um pouco mais de 500 mil visualizações, não há nenhuma descrição específica sobre sua formação e sobre o intuito do canal no espaço destinado a este fim. Já no Instagram, há informações mais detalhadas no perfil: professor e tradutor-intérprete de Libras; local de trabalho; endereço eletrônico do YouTube.

Sobre o Professor 2, em sua conta vinculada ao YouTube, no item direcionado à descrição do canal, há um resumo sobre sua formação acadêmica (Letras-Libras), naturalidade e o tipo de conteúdo produzido. Embora conste, na plataforma, que o usuário esteja inscrito desde 2009, ele deixa claro, na descrição, que o canal, com mais de um milhão de visualizações, foi ativado em agosto de 2016. No Instagram consta na descrição do perfil dados sobre profissão, naturalidade, endereço eletrônico para contato e link para o canal do YouTube.

Depois da identificação dos canais, foi realizada a descrição de aspectos relacionados ao formato do conteúdo, *layout*, *design* e as estratégias utilizadas pelos donos dos perfis. Essa ação está também fundamentada em Gil (2010, p. 28), para quem a pesquisa descritiva “tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis”. Após essa etapa, foi construída a análise dos dados, traçando um diálogo com autores utilizados na discussão teórica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tecnologia, Educação e o Ensino de Línguas

Atualmente, a sociedade está imersa nos ganhos sociais e geográficos que a tecnologia tem proporcionado. Por meio dela, tornou-se possível se comunicar instantaneamente com qualquer pessoa de qualquer lugar do planeta. Para Costa e Silva (2013, p. 842), a tecnologia representa a “expressão da atividade humana”, já que reflete na cultura e no jeito que o homem vive, estando presente em qualquer contexto. No meio educacional, não seria diferente, devido à facilidade que há em adquirir objetos tecnológicos e internet móvel, razão pela qual a escola está repleta de usuários ativos e conectados, tanto professores como alunos.

Massetto (2006) discute acerca da mediação pedagógica e do uso da tecnologia, compreendida como um instrumento colaborador no processo de aprendizagem. Para ele, esse recurso não é devidamente discutido no âmbito da formação de professores e há uma permanência na reprodução de práticas copiadas pelos professores dos professores, o que ocasiona aulas monótonas e sem tanto dinamismo.

O autor supracitado destaca a necessidade de repensar a tecnologia no âmbito educacional, como também o fato de o professor saber fazer uso adequado desse recurso:

As tecnologias devem ser utilizadas para valorizar a aprendizagem, incentivar a formação, permanente, a pesquisa de informação básica e novas informações, o debate, a discussão, o diálogo, o registro de documentos, a elaboração de trabalhos, a construção da reflexão pessoal, a construção de artigos e textos. (MASSETO, 2006, p. 153).

O ato de ensinar e aprender não está mais concentrado apenas na escola. Graças à tecnologia, houve a extensão do lócus de aprendizagem para as residências, as empresas e outros espaços. O aluno conectado tem uma gama de conhecimentos diferenciados quando comparado à geração do seu professor na época em que ele era estudante. Assim, torna-se relevante o docente ter consciência do tipo de conteúdo que seu aluno tem acesso para que, dessa forma, haja a possibilidade de coadunar com a matriz curricular dos livros didáticos.

Behrens (2006) reforça o cuidado que se deve ter para não confundir informação e conhecimento, uma vez que a tecnologia possibilita o contato com diversos tipos de conteúdos, que estão organizados e sistematizados na lógica do seu criador, ao passo que o conhecimento seria a apropriação dessas temáticas, significando-as a partir das próprias

vivências e referenciais de quem tem acesso a eles. Mediante isso, é relevante questionar se o professor que produz material midiático está consciente dessa distinção e alcance do seu produto. Ainda conforme Behrens (2006), existem diversos caminhos com vários fins, mas isso depende da situação concreta em que o professor está e seus objetivos almejados com esse recurso.

O ensino não depende apenas de um bom recurso tecnológico, pois existem outros aspectos que devem ser considerados. Quando se refere ensino de línguas, torna-se mais evidente, pois “ensinar língua exclusivamente através do *letramento impresso* é, nos dias atuais, fraudar nossos estudantes no seu presente e em suas necessidades futuras” (DUDENEY, HOCLEY, PEGRUM, 2016, p. 19, grifos dos autores). Em outras palavras, os autores trazem uma reflexão acerca da tecnologia e sobre como o seu avanço tem se perpetuado no cotidiano da vida social a ponto de ressignificar o que seriam as estratégias de ensino, neste caso, ensino de línguas.

Para Leffa (2007) e Gesser (2012), ensinar e aprender uma língua envolve aspectos cognitivos (funções mentais e intelectuais), afetivos (emocional) e linguísticos. Além disso, consoante Brown (1994 apud Gesser (2010), o ensino de línguas também envolve o uso de abordagens. Dentre elas, podemos destacar a abordagem gramatical e a abordagem comunicativa. A primeira põe em evidência a forma e estrutura de uma língua, e a segunda se refere ao seu uso efetivo.

Ao citar o ensino de uma nova língua, não podemos negligenciar a sua relação entre a cultura do povo usuário já que aprender um novo idioma também representa mergulhar em novos aspectos de valores e de costumes. Ao tratar sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras), devemos considerar que esse fato também acontece, pois os usuários nativos, os surdos, possuem uma identidade e cultura próprias, assim como qualquer falante de qualquer língua.

Por possuir uma modalidade distinta das línguas orais - neste caso as línguas de sinais possui uma modalidade visual-motora e as demais línguas oral-auditiva - o processo de ensino da Libras ocorre de forma bastante visual, com uso de recursos imagéticos (fotografias e vídeos), já que esta língua tem caráter distinto e necessita desses instrumentos. Já predomina, então, um aspecto que distingue do ensino da maioria das línguas, pois esta não focaliza o uso estritamente necessário de um material impresso, com vocabulários repletos de regras gramaticais e normas, como é comum em apostilas de cursos de línguas, por exemplo.

Retomando a discussão sobre o ensino de língua de sinais, Gesser (2012) destaca a importância de o professor sensibilizar seus alunos para o mundo visual, principalmente para desestigmatizar preconceitos e crenças sobre a Libras. Este é um fato que difere do ensino de línguas orais, já que boa parte da população não surda não tem acesso no contexto escolar a Libras como acontece em outras línguas como inglês e espanhol, por prevalecer o senso de que Libras não é uma língua, e sim como um conjunto de gestos e pantomimas⁴, por mais que desde de 2002, a Libras seja reconhecida como língua, cuja obrigatoriedade de divulgação em ambientes escolas e não escolares se dá, desde 2005, conforme o Decreto 5626.

Mediante isso, a correlação entre redes sociais e ensino de Libras resulta em uma combinação interessante, já que ambas têm, como característica marcante, o aspecto visual e imagético. Devido à popularização da internet e do acesso remoto aqui no Brasil, principalmente a móvel, existe muito conteúdo disponível pautado no ensino da Libras. Torna-se válido averiguar a qualidade do material produzido e se, de fato, os autores dessas produções conseguem construir um recurso devidamente atrativo e direcionado ao seu público consumidor desse tema.

Após essa discussão, apresentamos, a seguir, a análise dos materiais visuais produzidos pelos Professor 1 e Professor 2 nas redes sociais YouTube e Instagram, respectivamente.

Produções do YouTube: o que foi encontrado?

Professor 1 – Descrição e Análise

O canal do YouTube do Professor 1 possui nome homônimo ao seu nome pessoal conta com aproximadamente quinze mil inscritos, a fotografia do perfil e capa pessoal dessa plataforma expõem seu sinal de batismo⁵ na Libras, e dá pistas sobre o conteúdo dos vídeos. Existem quase cem vídeos produzidos catalogados em sete *playlists* com conteúdos distintos, organizados da seguinte forma: “Limites do Amor”; “Novela em Libras – Família Silva”; “MACOS”; “instagram”; “Aulas de Libras – Contextualizando”; “Aulas de Libras”; “Com surdos”.

⁴ De acordo com o Dicio (2020), pantomima significa “arte de demonstrar, através dos gestos e/ou expressões faciais, os sentimentos, pensamentos, ideias, sem utilizar palavras; mímica”.

⁵ Cada sujeito que está efetivamente inserido na comunidade surda recebe um nome na língua de sinais, acontece o sinal de batismo, geralmente o sinal se refere a alguma característica física ou social, somado à configuração que representa ou não a letra inicial do nome. (FELIPE e MONTEIRO, 2006)

As duas primeiras *playlists* contêm a produção amadora de conteúdo novelístico completamente em Libras, com efeitos sonoros, e participação de atores surdos e não surdos. A primeira intitulada como “Limites do Amor” está em processo de construção, contendo até o presente momento em que esse trabalho está sendo construído com seis capítulos, a abertura é composta por diversas cenas da atriz principal e música composta pelo piauiense Melqui Brito.

A segunda *playlist* com o nome “Família Silva” é uma produção finalizada composta por quinze capítulos e conta a história de uma família de surdos em que a trama está baseado em um segredo que, se revelado pode abalar a vida de todos. Na descrição do primeiro capítulo desta produção, Professor 1 evidencia que um dos seus objetivos com essa produção é estimular a prática da Libras. Além de oportunizar o entretenimento para a comunidade surda, incentiva o não surdo a compreender a língua no cotidiano, conforme a abordagem comunicativa (BROWN, 1994 apud GESSER, 2010).



Figura 1. Novela Limites do Amor



Figura 2. Novela Família Silva

Fonte: YouTube (2020)

As demais *playlists* dispõem de materiais com duração bastante variada entre um a cinquenta minutos, nos quais predomina o ensino de vocabulários em diversos ambientes, sem haver nenhuma sequência didática correlacionando um vídeo a outro. Evidenciamos que não há a predominância de fundos neutros como nos vídeos-registros⁶, assim como as gravações foram feitas em locais descontraídos, buscando aproximação com quem assiste ao conteúdo. Na imagem abaixo, vemos um exemplo disso:

⁶ Os vídeos-registros buscam padronizar a apresentação de artigos acadêmicos por meio da Libras. Este projeto pertence ao Departamento de Artes e Libras (DALi), sob a coordenação do Prof. Dr. Rodrigo Rosso Marques e está disponível em: <https://revistabrasileiravrlibras.paginas.ufsc.br/>.



Figura 3. Vídeo “Inveja em Libras” Fonte: Os autores (2020)

Para a análise em questão, foram selecionados dois vídeos, intitulados “Inveja em Libras” e “Sinais Polêmicos”, os quais foram postados na plataforma no ano de 2018.

No primeiro vídeo, o enquadramento permite ver toda a sinalização feita pelo sujeito, sem cortes. Existem efeitos de edição tanto na imagem (cortes no vídeo), aproximação da câmera por meio do zoom, aceleração da cena, e efeitos que alteram a prosódia da voz. Percebe-se que houve um roteiro para execução do vídeo, pois as legendas, em português, estão organizadas, há uma trilha sonora e efeitos audiovisuais marcados. Desse modo, compreendemos que esse material está acessível para indivíduos que almejam aprender Libras como segunda língua pelos seguintes aspectos: a) não há estímulo visual que coadune com as etapas de aquisição da linguagem (QUADROS, 1997); b) não há um input linguístico; c) a maior parte das informações é dita em português nas duas modalidades (oral e escrita); d) o criador do conteúdo, além de expor o vocabulário, aplica esse conhecimento em orações simulando situações do cotidiano, o que ele mesmo denomina de “Libras na vida real”.



Figura 4. Trecho do vídeo “Inveja em Libras”



Figura 5. Trecho do vídeo “Inveja em Libras”

Fonte: Os autores (2020)

No diálogo acima, o Professor 1 faz a marcação sintática dos sujeitos de fala inclinando a cabeça e o ombro para esquerda e para direita, fazendo o estabelecimento nominal e pronominal dos referentes⁷, mostrando que não se pode sinalizar de qualquer forma e expondo, de forma implícita, a sintaxe espacial da Libras. Nas imagens capturadas, vemos outra característica da língua: as marcas não-manuais. Ambas mostram exatamente o vocabulário inveja/invejosa, a intensidade das expressões faciais e o uso de outras configurações, que podem modificar, semanticamente, o léxico, por meio de aspectos fonológicos e morfológicos.

O segundo vídeo analisado apresenta uma proposta mais extensa, pois não foca apenas no ensino de um vocabulário, mas na distinção pragmática que pode existir no mesmo léxico, a depender do contexto em que se é utilizado. Esse fenômeno, na maioria das línguas, é denominado de homônimo. A estratégia utilizada nesse conteúdo contempla surdos e não surdos, já que, além do áudio, existe a janela do intérprete com a sinalização em Libras, com um enquadramento que permite, claramente, a visualização.



Figura 6. Trecho do vídeo “Sinais Polêmicos” Fonte: Os autores (2020)

O Professor 1, antes de adentrar ao assunto que é tema do vídeo, mostra alguns sinais que, provavelmente, seus próprios alunos ou inscritos no canal questionaram, o que se percebe que são pessoas não surdas. Ele aproveita o espaço para evidenciar aspectos da cultura surda, principalmente o fato de o surdo ser um sujeito visual. Ao apresentar os sinais, é nítido o zelo do docente em evidenciar os parâmetros fonológicos da Libras, em destaque, a configuração de mão e movimento, reforçando a compreensão.

Gesser (2012), ao citar e adaptar as ideias de Brown (1994), reitera que a *compreensão visual* de uma língua pelo aluno ocorre em seis modalidades: reativa, intensiva, responsiva,

⁷ A esse respeito, ver Quadros e Karnopp (2004).

seletiva, extensiva e interativa. No conteúdo midiático em questão, durante os primeiros minutos, há o estímulo pela compreensão intensiva, que foca em algum elemento da língua separadamente, neste caso, os parâmetros. Por se tratar de uma língua diferente das línguas orais, pode acontecer que o aprendiz da Libras como segunda língua não consiga fazer associações imediatas, já que a estrutura gramatical é diferente e a ordem sintática tem suas variações. Assim, o professor trabalha vocabulários e frisa a questão das regras, o que faz com que o conteúdo seja interessante ao aluno e este faça as primeiras relações com o que aprende.

Retomando ao tema central do vídeo, foram selecionados quatro sinais interessantes: 1) materiais; 2) diabo; 3) vagabundo; e 4) apertado, que reforçam duas questões a serem observadas na Libras: a pragmática e a variação linguística. Gesser (2012) afirma que é comum muitos alunos não surdos, quando ingressam em um curso básico de Libras, adentrarem à sala de aula com crenças referente ao demérito dos sinais como língua e, por isso, para a autora, é essencial discutir o reconhecimento linguístico e científico das línguas de sinais, como também debater sobre outros assuntos correlatos, como o surdo, a surdez e sua educação.

Ainda em relação aos vocabulários apresentados, o professor cita exemplos em que o significado pode variar a partir dos diálogos em que são utilizados, como também faz uso de situações da sua vivência pessoal como intérprete educacional para explicar os contextos, como se vê a seguir:



Figura 7. Trecho do vídeo “Sinais polêmicos”
execução do sinal Diabo/Coincidência



Figura 8. Trecho do vídeo “Sinais polêmicos”,
variação do sinal de coincidência

Fonte: Os autores (2020)



Figura 9. Trecho do vídeo “Sinais polêmicos”
execução do sinal Vagabundo/ Desempregado

Fonte: Os autores (2020)



Figura 10, 11 e 12. Trechos do vídeo “Sinais polêmicos”, diferenciação do sinal da figura 9. por meio de contexto através de diálogo. Fonte: Os autores (2020)

Durante todo o vídeo, o Professor 1 faz uso de uma narrativa humorística, demonstrando seu interesse de aproximar-se do seu público. Por mais que se entenda que o conteúdo está direcionado para quem estuda com o objetivo de melhorar sua fluência na Libras, almejando fins em trabalhos de tradução ou aprimoramento nas relações sociais com o povo surdo, vemos que o conteúdo visual aproxima também os internautas surdos, que buscam melhorar sua escrita no português. O Professor 1 deixa claro que um mesmo sinal pode variar de significado quando empregado em um contexto diferente e, como consequência ter a escrita totalmente distinta do qual o surdo poderá estar habituado. Há, aí, o que Masetto (2006) denomina de mediação pedagógica, pois o criador do conteúdo desperta o interesse pelo conteúdo e audiência. Vale destacar, por fim, a fotografia do ambiente escolhido para gravação do vídeo, de modo que prevalece uma harmonização entre o fundo, com poucas cores e tons. Embora a iluminação não tenha sido adequada, não houve prejuízos na qualidade do material.

Professor 2 – Descrição e Análise

Assim como o Professor 1, a conta da plataforma YouTube do Professor 2 também possui nome homônimo ao usuário. O canal tem um pouco mais de quarenta mil inscritos e está ativo desde 2016, sua produção consta com aproximadamente noventa vídeos organizados em dez *playlists*: “Sobre mim”, “Libras”, “Surdez”, “LGBT”, “Mitos”, “#Responde”, “Curta-metragem”, “Aulas de Libras”, “Tutorias e Dicas”, “DIY: Faça você mesmo”.

O conteúdo produzido pelo Professor 2 aborda diversas temáticas, cujo foco não está apenas no ensino da Libras, mas na desmistificação da língua, do surdo e da própria surdez, e outras questões que envolvem a subjetividade do docente, como a questão LGBT. Os vídeos correlacionam entre si a temática de cada um e trabalham com questionamentos ou problemáticas vividas por muitos surdos. Por conta disso, torna-se um ambiente propício a quem tem interesse em aprender não somente a língua, mas aspectos culturais do povo surdo.

Para compor a análise desta pesquisa, foram selecionados dois vídeos: “LIBRAS: alfabeto manual e números” e “LIBRAS NÃO É OFICIAL?”.

O primeiro vídeo apresenta vinheta, fundo sonoro e legenda em português, adicionada pelo próprio recurso do YouTube, o que indica que o material é acessível para não surdos. O tema da aula é sobre assunto introdutório em boa parte dos cursos básicos de Libras: Alfabeto Manual e Números. A princípio, ele já desmistifica uma crença comum para quem inicia seus estudos nessa língua, a de a Libras ser apenas composta pelo alfabeto (GESSER, 2009).



Figura 13. Trecho do vídeo “Libras: alfabeto manual e números”. Fonte: Os autores (2020)

Em seguida, o Professor 2 evidencia a funcionalidade do alfabeto e expõe as situações em que ele deve ser utilizado e em que posição deve-se executá-lo. Após isso, mostra letra por letra, fazendo um enquadramento da câmera apenas na sua mão. Embora sinalize bem lentamente e em diversos ângulos, o plano de fundo é repleto de informações.

O Professor demonstrar ter muito cuidado ao executar as configurações do alfabeto e dos números, visto que existem formatos que são semelhantes e que podem ocasionar confusão.



Figura 14 e 15. Configuração da letra F e letra T respectivamente
. Trecho do vídeo “Libras: alfabeto manual e números”. Fonte: Os autores (2020)



Figura 16, 17 e 18. Sequência do movimento do sinal do número sete.
. Trecho do vídeo “Libras: alfabeto manual e números”. Fonte: Os autores (2020)

Outra característica relevante é fato de ter captação sonora durante todo o material, o que demonstra que a produção foi assessorada por algum profissional não surdo, fato confirmado pela descrição do vídeo. No final do vídeo, o Professor 2 propõe uma rápida atividade de verificação de aprendizagem, envolvendo os tipos de números apresentados, com quatro frases, das quais apenas duas estariam corretas.

Por mais que ele não revele as respostas da atividade no espaço dos comentários, o Professor 2 interagiu com os usuários que dialogaram nesse ambiente, de modo a proporcionar aprendizagem e também uma forma de mediar o conteúdo.

O segundo vídeo analisado tem um viés mais informativo e reflexivo, mas não deixa de ser uma ótima oportunidade de aprendizagem sobre a Libras. A temática está relacionada a um aspecto da lei mais relevante para a comunidade surda, a Lei 10.436/2002. O Professor 2 destaca que, durante um bom tempo, prevalecia um discurso de que a Libras seria a segunda língua oficial do Brasil, mas, conforme a Lei, a Libras é apenas reconhecida como língua da comunidade surda.

O debate iniciado pelo Professor 2 é uma análise séria e comprometida do texto que compõe a legislação. A postura do docente vai novamente de acordo com discussões abordadas por Gesser (2012) sobre elencar diálogos acerca de outros aspectos que envolvem a língua.

O fato que despertou a vontade de produzir material a esse respeito foi justamente sua interação com outros profissionais da área através das redes sociais, no qual ele mesmo expôs no começo do vídeo, reiterando o que Souza (2017 apud SOUZA; SANTOS, 2019) afirma, ao mostrar a posição que a tecnologia e a internet ocupam nas mediações e interações entre pessoas na organização social de hoje.

Ao realizar uma enquete no Instagram, questionando sobre a oficialização da Libras no Brasil, o Professor 2 percebeu que muitos responderam equivocadamente, de modo que

boa parte do vídeo consistiu em explicar que a lei apenas reconhece a Libras como língua. O professor trouxe outros debates acerca da acessibilidade, do bilinguismo e como a falta de informação em sinais prejudicam o povo surdo.

O Professor 2 também reforça que a Libras se constitui língua e contém todas as características das línguas orais, como destacam Quadros e Karnopp (2004).



Figura 19. Trecho do vídeo “Libras: não é oficial?” Fonte: Os autores (2020)

Na última parte do vídeo, o Professor 2 seleciona vocabulários que foram utilizados durante o vídeo para reforçar aprendizagem, dentre os quais foram: linguística, língua, linguagem, Libras, Brasil, Lei, Acessibilidade.

Para o indivíduo não surdo que está começando aprender Libras como segunda língua e que já apreendeu léxicos básicos, esse material é um ótimo recurso para aprimorar a compreensão visual. Conforme Brown (1994 apud GESSER 2012), isso justifica três opções para captar as informações repassadas no material: áudio dublado, a legenda editada em português e a sinalização.



Figura 20 e 21. Trecho do vídeo “Libras: não é oficial?”, ensinando vocabulários “Libras” e “Lei”
Fonte: Os autores (2020)

O internauta aprendiz de Libras, ao ter acesso ao conteúdo dessa natureza, poderá pausar e retomar o vídeo quantas vezes achar necessário, reproduzir os sinais que achar

relevante, fazer suas anotações, apreender novos léxicos e alcançar todas as formas de compreensão visual. O vídeo é dinâmico, informativo e pouco extenso, coerente com a velocidade em que notícias circulam nos meios digitais e a velocidade em que são consumidas. Sendo assim, é um ótimo recurso para um professor utilizar em uma sala de aula repleta de jovens, por exemplo.

Produções do Instagram: pequenos vídeos e efeitos.

Esta seção traz alguns recursos presentes no perfil do Professor 1, devido à constatação de que ambos os professores utilizam essa rede social principalmente para produção de registros não diretamente relacionados ao ensino de Libras.

Por conta disso, após análise do Instagram do Professor 1, verificou-se que, nessa rede social, o recurso utilizado para ensinar língua de sinais são os *Stories*, que consistem na postagem de pequenos vídeos, com duração máxima de quinze segundos e validade de vinte e quatro horas, para acesso dos seguidores. O aplicativo permite destacar no perfil e categorizar em eixos os *stories* mais relevantes para o usuário, possibilitando livre acesso para quem o segue.

Foi por meio deste recurso que possível ter acesso ao material produzido, cujo foco é ensinar e/ou provocar o interesse por Libras.



Figura 22. Perfil da rede social Instagram do Professor 1

Fonte: Os autores (2020)

Nos *destaques dos stories*, denominados “Em Libras”, “Libras”, “Sinais”, vimos alguns vídeos, em que são propostos desafios aos seguidores; e outros respondendo dúvidas dos seguidores, como nos exemplos a seguir:

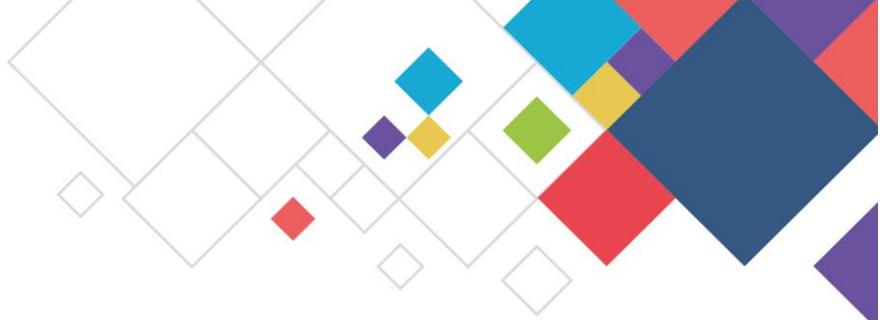


Figura 23.



Figura 24.



Figura 25.



Figura 26.



Figura 27.

Stories em destaque no Instagram
Fonte: Os autores (2020)

Ao assistir a esses conteúdos, percebemos que sua construção nessa plataforma depende da interação do Professor 1 com seus seguidores. Além disso, a produção dos vídeos nesse espaço é feita fora dos parâmetros acadêmicos dos vídeos-registros, sem preocupação com roteiro, cenário e enquadramento das filmagens. Aparentemente, nessa rede social, ensinar Libras é uma ação pouco formal, sem tanto comprometimento metodológico, mas de uma busca por uma aproximação mais íntima no meio virtual.

Vale ressaltar que os *stories* visualizados trazem questionamentos interessantes e que possivelmente devem ter oportunizado discussões no *direct* do Professor 1. Não há como ter o *feedback* dessas informações, pois, diferente do YouTube, o Instagram só permite a visualização dos comentários em postagens no *feed*, mas tem uma vantagem, já que possibilita a captação e o consumo mais rapidamente. O acesso ao Instagram é mais instantâneo que o YouTube, de modo que é possível atrair seguidores, despertar o interesse pelo conteúdo e direcionar para materiais mais extensos.

A forma com que os *stories* foram produzidos indica que um dos objetivos do Professor 1 é tornar a Libras reconhecida através do seu trabalho como YouTuber. Vários professores de línguas utilizam a mesma estratégia, criam vídeos curtos e atrativos no Instagram e direcionam os mais interessados ao YouTube, reforçando Dudeney, Hocley e Pegrum (2016), para os quais as tecnologias digitais consentem a customização do ensino e da aprendizagem, como nas redes sociais, que provam isso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, evidenciamos a relação entre a tecnologia, educação e o ensino de língua de sinais, traçando uma linha tênue por meio das redes sociais. Como as mídias são fonte de informação de boa parte da sociedade, é relevante discutir, no meio acadêmico, os caminhos percorridos por essas teias virtuais que conectam as pessoas.

A internet possibilita autonomia e protagonismo na produção de conhecimento, de forma que os docentes não devem ignorar que seus alunos podem construir conteúdo e divulgar para o mundo em instantes. Logo, agir como mediadores oportuniza uma aproximação efetiva entre esses dois grupos, razão pela qual discutir o ensino e a aprendizagem por meio da tecnologia é a chave para a educação de gerações futuras.

Com o intuito de contribuir para essa discussão, fizemos uma análise sobre o ensino de Libras como segunda língua nas redes sociais YouTube e Instagram. Considerando, especialmente, a natureza imagética da língua e os recursos visuais existentes nessas plataformas, houve o interesse de pesquisar as estratégias metodológicas usadas por professores de Libras e o público-alvo do conteúdo produzido.

Entre os sujeitos pesquisados, evidenciamos estratégias distintas, talvez por um ser surdo e o outro não ser, o que já traz uma reflexão sobre a formação cultural, que é um fator crucial para criação de uma tática de ensino. Percebemos, na análise, o foco no ensino de

apenas um léxico, de vários, usos de vinhetas, áudios, diálogos, legendas, atividades, *layouts*, edições atrativas, vídeos de curta duração e longa duração.

O professor dessa geração de nativos digitais deve estar ciente dessa variedade e, mais além, saber que poderá utilizar esses recursos em algum momento das suas aulas. A nosso ver, não compete mais o ensino de língua ser focado apenas no livro didático, pois são necessários maiores debates para compreender até que ponto a dimensão tecnológica contribui para o ensino e para educação, falta centralidade no campo pedagógico (COSTA; SILVA, 2013).

REFERÊNCIAS

DUDENEY, Gavin; HOCKLY, Nicky; PEGRUM, Mark. **Letramentos Digitais**. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

FELIPE, Tanya A.; MONTEIRO, Myrna Salerno. **Libras em Contexto: Curso Básico**: Livro do Professor. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 6ª. Edição, 2006.

GESSER. **Libras? Que língua é essa?**: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

_____. **Metodologia de ensino de Libras como L2**. Material didático desenvolvido para o Curso de Letras-Libras na modalidade a distância: Florianópolis; UFSC. 2010.

_____. **O ouvinte e a surdez**: sobre ensinar e aprender a Libras. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 2010. 6 ed.

LEFFA, Vilson J. Cap. 1: Como produzir materiais para o ensino de línguas. IN: _____ **Produção de materiais de ensino**: teoria e prática. – Pelotas: Educat, 2007. Disponível em: http://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/prod_mat.pdf. Acesso em: set. de 2019.

MINAYO, M. C (Org.) **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 25. ed.. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MORAN, J. M; BEHRENS, M. A.; MASETTO, M. T. **Novas Tecnologias e Mediação pedagógica**. Campinas: SP, Papirus, 10 e. 2006.

PANTOMIMA. IN: DICIO. **Dicionário Online de Português**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/pantomima/>. Acesso: 17 de abr. de 2020.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

REVISTA BRASILEIRA DE VIDEO-REGISTRO. UFSC. Disponível em:
<https://revistabrasileiravrlibras.paginas.ufsc.br/>. Acesso: 02 de abr. de 2020.

SILVA, Gildemarks Costa e. Tecnologia, educação e tecnocentrismo: as contribuições de Álvaro Vieira Pinto. **Rev. bras. Estud. pedagog. (online)**, Brasília, v. 94, n. 238, p. 839-857, set./dez. 2013.

SOUZA, Fábio Marques de; SANTOS, Geyza de Freitas. **Velhas práticas em novos suportes?**: As tecnologias digitais como mediadoras do complexo processo ensino-aprendizagem de línguas. São Paulo: Mentis Abertas, 2019. 2ª ed.

STROBEL, Karin. Capítulo 4: Os artefatos culturais do povo surdo. IN: _____. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 2. ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2009.